

# Ô que chamamos de práxis?

Ingrid D'ávilla Freire Pereira  
Cristina Massadar Morel  
Marcia Cavalcanti Raposo Lopes

Ninguém educa ninguém,  
ninguém educa a si mesmo,  
os homens se educam entre  
si mediatizados pelo mundo.

(Paulo Freire, 1987)

**N**o texto “Educação, escola e aprendizagem” você pôde refletir melhor sobre as relações entre o aprendizado e a escola ao longo da vida. O autor destacou esta relação tão íntima de aprender como exercício relacional e de experimentação. Neste capítulo vamos voltar a pensar sobre isto, mas tentando nos aproximar mais de outra dimensão importante para nosso aprendizado e para nossa forma de agir no mundo: a reflexão. E para compreender melhor os desafios de refletir, nada melhor do que reler a epígrafe desse texto.

Você já parou para pensar que, mesmo sendo seres humanos e nos caracterizando como tal por nossa capacidade de reflexão, muitas vezes aprendemos a agir de determinada maneira, mas nem sempre conseguimos pensar sobre esta ação ou mesmo agir de uma maneira diferente? Uma das expressões disso pode se dar, por exemplo, no nosso trabalho. Algo semelhante àquelas imagens repetitivas encenadas por Charles Chaplin no filme **Tempos modernos**, que tão bem manifesta a alienação – ou essa dificuldade de refletir – no trabalho.



Você já se percebeu repetindo procedimentos no seu trabalho de forma mecânica? Já parou para pensar se isso é comum e se ocorre com todos os profissionais?

As sociedades capitalistas têm como característica a especialização do trabalho para a ampliação do processo produtivo e do lucro. Com isso, uma das marcas destas sociedades tem sido a divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Estamos falando do fato de que, nestas

### Para saber mais

**Sobre o filme** *Tempos modernos*

Título: *Modern Times* (Original)

Ano produção: 1936

Dirigido por: Charles Chaplin

*Tempos modernos* retrata a vida urbana nos Estados Unidos nos anos 1930, imediatamente após a crise de 1929, quando a depressão atingiu toda sociedade norte-americana, levando grande parte da população ao desemprego e à fome. O filme caracteriza a vida na sociedade industrial que tinha como ênfase a produção baseada no sistema de linha de montagem e especialização do trabalho. É uma crítica à modernidade e ao capitalismo representado pelo modelo de industrialização, em que o operário é engolido pelo poder do capital e perseguido por suas ideias ‘subversivas’. Neste trecho, Charles Chaplin transforma o ato de apertar parafusos em uma expressão de crítica e humor. Um gesto do dia a dia trazido para o contexto de uma coreografia – em uma repetição dele, por exemplo, – ganha um sentido expressivo.

Adaptado de: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=181>>

Link de acesso: <<https://www.youtube.com/watch?v=3tL3E5fIZis>>



sociedades, alguns seres humanos foram designados como os que ‘pensam’ e outros como os que recebem as orientações destes que pensam, e ‘fazem’. Assim, a divisão entre trabalho manual e intelectual estabelece o que é mais valorizado socialmente, o que determina, por exemplo, diferentes salários e condições de trabalho que terão os trabalhadores.

Ao refletir sobre esta divisão do trabalho, podemos pensar também sobre o papel das instituições de ensino. Ou seja, a divisão da sociedade em classes sociais também se expressa na divisão social do trabalho e nas escolas. Por exemplo, a realização de cursos técnicos, em geral, prioriza os conhecimentos relativos ao próprio fazer no trabalho, certa ideia de trabalho manual ou ‘técnico’. Já os cursos universitários tendem a priorizar a preparação para o trabalho intelectual. Esta diferença não se expressa somente com relação ao tipo das instituições de ensino

### Para refletir

Não por acaso dissemos que ‘em geral’ há esta divisão entre os cursos técnicos e universitários, pois é importante lembrar que, dependendo da área do conhecimento, mesmo na formação universitária, haverá maior ou menor ênfase no trabalho intelectual ou no trabalho manual. Por exemplo, os cursos universitários da área da saúde, considerando sua ênfase prática e a necessária aplicação de técnicas e procedimentos, também se configuram como cursos com ênfase na execução do trabalho e, não necessariamente, segundo bases e fundamentos científicos do trabalho. Mas estas técnicas e procedimentos também não devem ter fundamentação? Neste caso, é importante considerar, assim, que a formação para o trabalho manual e a formação para o trabalho intelectual têm origens anteriores à da própria constituição das escolas e universidades como as conhecemos atualmente.



(escolas técnicas ou universidades), mas também ao público que consegue acessar e até mesmo permanecer nestas instituições.

Em sua opinião, o trabalho em saúde seria um trabalho manual ou intelectual? Alguns profissionais realizam mais o trabalho manual e outros o trabalho intelectual? Esta diferença ocorre apenas entre técnicos e profissionais com escolaridade de nível superior? Há consequências desta divisão do trabalho para o cuidado da população?

O trabalho, como ação que caracteriza a própria natureza humana, é uma atividade complexa. Exige de nós experimentação, reflexão e aprendizado constantes. Lembra que no capítulo “Educação, escola e aprendizagem” discutimos que esta relação é fundamental para o nosso aprendizado? Se assim considerarmos, o trabalho é uma atividade humana que integra ambas as dimensões: manual e intelectual, ação e reflexão. Concorda?

Bom... a priori tendemos a concordar com essa afirmação, mas não podemos esquecer que também é uma marca de sociedades desiguais como a nossa a negação do trabalho como um lugar criativo ou passível de transformações pelos trabalhadores. Ficamos, durante boa parte do tempo, submetidos a normas e regras que restringem a maneira como realizamos nosso trabalho. Em geral, um pequeno grupo de pessoas é responsável por coordenar como deve ser desenvolvida uma determinada ação e como os outros trabalhadores devem agir. Além disso, a falta de uma estabilidade maior no emprego, muito comum atualmente, não nos dá segurança para experimentarmos desenvolver nossas atividades de forma diferente, em função de possíveis dificuldades nossas ou dos usuários. Você já parou para pensar que muitas vezes recebemos regras ou imposições ao nosso trabalho que não fazem muito sentido? E, ainda assim, muitas vezes, sequer questionamos – por diversos motivos – o porquê destas regras.

O trabalho realizado desta maneira, sem maiores possibilidades para refletirmos e mudarmos o que fazemos, nos restringe. Realizar o trabalho desta forma é problemático para nossa existência e para a humanidade em qualquer área de atuação, mas, em áreas sociais como a saúde, é ainda mais.



Por exemplo, por mais que algumas vezes os problemas de saúde das pessoas sejam os mesmos, a forma como cada um manifesta estes problemas, a relação entre eles e a forma de viver demandam dos profissionais de saúde um planejamento terapêutico que vai muito além do que está previsto em cada protocolo. A atuação do trabalhador é, portanto, singular e exige que ele pense sobre o seu fazer. Para construir o trabalho e, mais especificamente, o trabalho em saúde de outra forma, precisaríamos modificar vários aspectos em nossa sociedade, sobretudo a relação entre o trabalho e os modos de produzir. Assim, ao mesmo tempo em que afirmamos isso, pensamos que um aspecto fundamental para a transformação das relações é o da organização coletiva. Assim, espaços como as reuniões de equipe, ainda que insuficientes para modificar o contexto que marca os desafios de atuar na saúde, podem ser fundamentais para discutir os casos e o processo de trabalho e, com isso, refletirmos juntos.

Pode parecer óbvio, mas é importante reafirmar que todos os trabalhadores devem participar e trocar experiências e saberes nestes espaços. Para que cumpram sua função, os encontros devem ser construídos para viabilizar a integração entre a teoria e a prática. Quanto mais nos apropriarmos desta integração, mais próximos estaremos de compreender como se constroem o trabalho manual e o trabalho intelectual na nossa sociedade e em nossa área de atuação. Este seria, embora insuficiente, um passo importante para pensarmos a superação desta ‘oposição’. Ou seja, tomar consciência dessas contradições, ou dos desafios que fazem parte da nossa realidade como sujeitos históricos. Esse recurso pode ajudar na participação de todos, sobretudo nos métodos de planejamento e tomada de decisões que, usualmente, ficam mais centralizadas em alguns trabalhadores (os que estão mais voltados para o trabalho intelectual).

Para Paulo Freire, a possibilidade de construirmos a nossa capacidade de fazer ou agir de forma reflexiva se dá com base na práxis. A práxis, que é uma palavra diferente mas muito importante para todos nós, educadores, é um caminho a ser construído. Por práxis, entendemos a unidade entre fazer e pensar, ou seja, a própria ação humana de forma consciente. Mas não somente isso. Para Paulo Freire, ela “é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 38).



Com essa ideia, podemos pensar que a dimensão da práxis é parte importante para superação do caráter alienado, ou pouco reflexivo, que pode marcar a ação humana e o trabalho que realizamos. Tomar consciência sobre os modos desiguais como vivemos e trabalhamos é fundamental para que possamos compreender a realidade e, juntos, transformá-la.

Certamente, este agir ‘praxiológico’ é importante para a realização de um trabalho em saúde mais dialógico. Mas é bem mais do que isso. Retomando a frase de Paulo Freire: a práxis “é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (1987, p. 38).

Assim, o caminho proposto pela práxis é o do compromisso com a democratização das relações e a redistribuição de poder, demandando a construção de novas interações dos trabalhadores com o seu trabalho. E por mais que a criação de novos arranjos de gestão, atenção e participação nos serviços de saúde não responda a tudo o que precisamos para modificar a lógica do trabalho em saúde, poderia (ou deveria) ser um bom ponto de partida.

### Para aprofundar seus estudos

Se você gostou deste texto e quiser estudar mais sobre a noção de práxis, saiba que o Acervo Paulo Freire disponibiliza na internet todos os livros de Paulo Freire. Estão disponíveis também livros de outros autores que escreveram sobre a educação popular baseados na obra freireana. Um destes livros é *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire*, escrito por Carlos Alberto Torres, que discute de forma mais profunda a práxis na educação popular. O livro está disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1628>>.

Referência: TORRES, Carlos Alberto. *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1976.



## Atividade

No caso específico do trabalho dos agentes e demais trabalhadores da Estratégia Saúde da Família (ESF), mais do que conhecer o local e a população atendida, deverão entender as relações sociais, os modos de existência e as diferentes formas de adoecimento dos indivíduos, famílias e comunidades. Assim, como trabalhadores da saúde, devemos nos ocupar da possibilidade de cuidar das pessoas de maneira integral. Você já pensou sobre isso? O vídeo *Integralidade*, criado e produzido por Berro - Associação Cultural, vinculada ao Laboratório de Artes Cênicas da UFPI, sob direção e roteiro de Cleiber Silveira representa uma possibilidade de cuidado distante da integralidade. Ele está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=72qjpRHbv9s>>

Com base no vídeo que você acabou de assistir, discuta com seus colegas se a divisão do trabalho em saúde compromete a forma de cuidar das pessoas e como a práxis poderia ajudar a construir outra forma de cuidado.



## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

